

# CAPÍTULO 7

## *Constituição*

Theodore Sider

### **A Antinomia da Constituição**

«É impossível segurar apenas um objecto material — um cubo de gelo, ou uma lata de refrigerante, ou uma estátua de barro — na nossa mão. Onde quer que pareça haver apenas um só objecto material, há na verdade dois.»

Só a um filósofo passaria pela cabeça argumentar a favor de tal coisa. Como Bertrand Russell outrora afirmou, «O propósito da Filosofia é começar com algo tão simples ao ponto de não parecer digno de mencionar, e acabar com algo tão paradoxal que ninguém acreditará.» Mas o objectivo não é meramente o valor de choque. Os filósofos debatem-se com argumentos que têm conclusões contra-intuitivas porque estes argumentos põem a nu a complexidade escondida no mundo, mesmo ao nível mundano dos cubos de gelo, latas de refrigerante e estátuas.

Eis o argumento a favor da afirmação contra-intuitiva com que começámos. Os cubos de gelo, as latas de refrigerante e as estátuas de barro são feitos de matéria. Um cubo de gelo é feito de moléculas de água, uma lata de refrigerante de alumínio, uma estátua de barro de barro. Portanto, onde quer que haja um objecto material, há também outro objecto: uma **quantidade (pedaço) de matéria**. Onde há um cubo de gelo, há também uma quantidade de água; onde há lata de refrigerante, há um pedaço de alumínio; onde há uma estátua de barro, há um pedaço de barro. O cubo de gelo, a lata de refrigerante e a estátua são *feitos de* ou **constituídos** por estas quantidades de matéria. Mas esses objectos e as quantidades de matéria não são os mesmos objectos. Ora consideremos: a quantidade de matéria que constitui o cubo de gelo existia muito antes de o cubo ter sido feito. E se deixarmos que o cubo de gelo esteja à temperatura ambiente derreterá e assim será destruído, mas a quantidade de água continuará a existir. Uma escultora começa com um pedaço de barro. Moldando-o até ganhar a forma correcta, cria uma estátua, que não existia antes. Se a escultora se cansar da estátua, pode esmagá-la e assim destruí-la, embora fazê-lo não destrua o pedaço de barro.

Assim, o pedaço de barro não é o mesmo objecto que a estátua, pois existe antes da estátua e continua a existir depois de a estátua ser destruída. Pense nisto da seguinte maneira. A escultora começou com um pedaço de barro. É um objecto. Criou então um novo objecto, a estátua. Aí temos um segundo objecto. Pelo que depois de acabar de esculpi-la existiam dois objectos, o pedaço de barro e a estátua. Assim, quando seguro uma estátua na minha mão, há efectivamente dois objectos aí, a estátua e o pedaço de barro. Só parece haver um, mas na verdade há dois.

A conclusão deste raciocínio é que a estátua e o pedaço de barro são dois objectos diferentes. Mas isto é muito difícil de aceitar. Pense em quão semelhantes entre si são estes objectos. Entre outras coisas, têm exactamente a mesma localização. Além disso, são feitos exactamente da mesma matéria, o que por sua vez significa que têm exactamente o mesmo tamanho, forma, peso, cor e textura. São ainda mais semelhantes entre si do que duas réplicas de uma bola de bilhar, acabadas de sair da fábrica, pois tais bolas de bilhar são feitas de matéria diferente e têm localizações espaciais diferentes. Dada a semelhança entre a estátua e o pedaço de barro, não será absurdo afirmar que são dois objectos diferentes? E no entanto são; têm de ser, porque o pedaço de barro existia antes da estátua e pode existir depois de a estátua ser destruída.

Este é um exemplo daquilo a que o filósofo novecentista americano W. V. Quine chama uma **antinomia**: argumentação aparentemente sólida que leva a uma conclusão aparentemente absurda. Os filósofos prezam as antinomias, porque estas têm de nos ensinar alguma coisa. Uma vez presos na antinomia, não podemos contentar-nos com o *status quo*; algo tem de ceder. Ou a argumentação aparentemente sólida afinal não é sólida, ou a conclusão aparentemente absurda não é tão absurda quanto parece. A nossa tarefa é compreender qual destes é o caso.

### **Pressupostos da Antinomia**

Para começar, temos de identificar os pressupostos cruciais na antinomia da constituição, especialmente quaisquer pressupostos tácitos que possamos fazer sem reparar. O mais óbvio é:

**Criação:** A escultora realmente cria a estátua — ou seja, a estátua não existia antes de a escultora a esculpir.

O argumento também tem alguns pressupostos menos óbvios:

**Sobrevivência:** A escultora não destrói a quantidade de barro ao dar-lhe a forma de uma estátua.

**Existência:** Há realmente objectos como estátuas e pedaços de barro.

E por fim, a conclusão do argumento tem realmente de ser absurda para a antinomia ter força:

**Absurdo:** É impossível a dois objectos diferentes partilharem simultaneamente a mesma matéria e localização espacial.

Partindo do princípio de que não há outros pressupostos que nos tenham escapado, temos de rejeitar a Criação, Sobrevivência, Existência ou Absurdo, de modo a resolver a antinomia. Investigar estes pressupostos esclarecerá mais geralmente a natureza dos objectos materiais.

### **A Teoria «Só Há Matéria»**

Começemos com a Criação, que afirma que a estátua só começou a existir quando a escultora começou a moldar o pedaço de barro em forma de estátua. Alguém que quisesse negar este pressuposto podia afirmar ao invés que a escultora nada cria, mas simplesmente *modifica* o pedaço de barro. Pintar de verde um celeiro vermelho nada cria; apenas muda a cor do celeiro. De igual modo, podemos afirmar, a escultora apenas muda a forma do pedaço de barro de uma forma algo tosca para a forma de uma estátua.

Isto evitaria a conclusão absurda de que dois objectos materiais diferentes partilham a mesma matéria. Tal como o celeiro anteriormente vermelho é o mesmo que o celeiro que mais tarde é verde, assim o anterior pedaço de barro com a forma tosca é o mesmo que o pedaço de barro que mais tarde tem forma de estátua. Quando segura a estátua na mão, está a segurar apenas uma coisa: um pedaço de barro com forma de estátua.

Esta resposta pode basear-se numa teoria geral da natureza dos objectos materiais. Consideremos a teoria «**só há matéria**», segundo a qual os *únicos* objectos que existem são pedaços (quantidades, porções) de matéria. Um pedaço de matéria é definido pela matéria de que é feito. O único modo de criar um pedaço de matéria é criar matéria nova. O mero rearranjar de matéria pré-existente não cria novos pedaços, apenas modifica pedaços antigos. Isto é o que acontece quando a escultora molda a peça de barro dando-lhe a forma de uma estátua. Analogamente, o único modo de destruir um pedaço de matéria é destruir alguma da sua matéria. Rearranjar ou mesmo dispersar a

matéria modifica mas não destrói o pedaço. Pelo que ao esmagar a estátua nada se destrói. O pedaço de barro voltou a ter uma forma irregular, mas ainda existe.

A teoria «só há matéria» leva a conclusões chocantes — talvez tão chocantes quanto a conclusão absurda da antinomia que procuramos evitar. Normalmente pensamos que os escultores criam coisas. De igual modo, pensamos normalmente que congelar a água numa cuvette ou moldar o alumínio numa fábrica *cria* cubos de gelo e latas de refrigerante. A teoria «só há matéria» nega-o. Afirma que o cubo de gelo que o leitor tem na sua bebida existia antes de ser congelado, embora não se lhe chamasse então «cubo de gelo»; a sua lata de refrigerante existia muito antes de ser moldada na fábrica, embora não se lhe chamasse então «lata de refrigerante».

Um carro avariado é rebocado para um ferro-velho, onde é esmagado, desmontado, vendido para peças. Isto destrói o carro, certo? Errado, segundo a teoria «só há matéria»! A quantidade de matéria anteriormente denominada «carro» foi meramente dispersa. Todo o metal (e plástico e borracha) ainda existe, vendido a várias pessoas em diferentes locais. Como nenhuma desta matéria em si foi destruída, o pedaço de matéria permanece. O objecto a que chamávamos «carro» ainda existe, embora não já possamos chamar-lhe um carro dado que já não tem a forma de um carro.

Um exemplo ainda mais extremo: quando Sócrates morreu há mais de dois mil anos, o seu corpo foi enterrado e apodreceu lentamente. Hoje, a matéria de que então se compunha o seu corpo foi dispersa pela superfície da Terra; alguma chegou mesmo a sair inteiramente do planeta. Ainda assim, nenhuma dessa matéria em si pereceu. Pelo que, segundo a teoria «só há matéria», Sócrates ainda existe. Ou, mais precisamente, o objecto a que anteriormente se chamava «Sócrates» ainda existe. Já não podemos chamar-lhe «Sócrates» ou «pessoa», visto que já não tem forma humana; é agora um objecto disperso, como um baralho de cartas espalhado sobre uma mesa. Mas ainda existe. Por razões semelhantes, decorre da teoria «só há matéria» que o próprio leitor existia há milhares de anos, pois o pedaço de matéria que hoje é o leitor existia nessa altura. Não era então uma pessoa, visto que estava disperso pela Terra, mas ainda assim existia.

Talvez devamos afinal aceitar estas estranhas afirmações feitas pela teoria «só há matéria». Mas primeiro vamos dar espreitar as outras opções.

## A Teoria da Substituição

Podemos ao invés rejeitar a Sobrevivência. De modo a derivar a conclusão absurda de que o trabalho da escultora resulta em dois objectos diferentes, precisámos de pressupor que ela criou a estátua (Criação), mas também precisámos de pressupor que não destruiu o pedaço de barro original (Sobrevivência). Pois se criar a estátua destrói o pedaço de barro, a cada ponto do processo há apenas um único objecto, e evitamos a conclusão da antinomia.

Poder-se-á *realmente* destruir um pedaço de barro remodelando-o apenas? Embora seja difícil de acreditar nesta ideia, não devemos pô-la de parte desde logo. Como veremos, *toda* a resposta à antinomia exige que digamos algo um pouco estranho. (É isso que a torna uma antinomia tão boa.) Devemos ao invés pedir mais informação: *como* é que remodelar o pedaço de barro o destrói? Que teoria geral dos objectos justifica esta afirmação?

A melhor resposta é a **teoria da substituição**. Um objecto, tal como um pedaço de barro ou uma estátua, é feito de determinadas partículas de matéria. Consoante o modo como um grupo de partículas está disposto, estas constituirão um objecto de determinada **categoria**, por exemplo, a categoria *pedaço de barro* ou a categoria *estátua*. Quando as partículas de barro na nossa antinomia estavam apenas amontoadas, constituíam um pedaço de barro. Mais tarde, depois de manuseadas pela escultora, ficaram dispostas de modo a constituir um objecto de categoria diferente, uma estátua. Mas segundo o defensor da teoria da substituição, as partículas só podem constituir um objecto de cada vez. Pelo que assim que as partículas são dispostas em forma de estátua, a categoria *estátua* **substitui** a categoria *pedaço de barro*: o pedaço de barro deixa de existir e em seu lugar começa a existir um novo objecto, uma estátua. As partículas já não constituem o pedaço de barro original; esse pedaço de barro não existe mais. As partículas constituem agora um objecto diferente, uma estátua.

A categoria de um objecto determina os tipos de mudança a que o objecto pode e não pode sobreviver. Os objectos da categoria *estátua* têm de conservar a forma de estátua. Pelo que se a estátua for esmagada, deixando de ter a forma da estátua, essa estátua deixa de existir; a categoria *estátua* cede o controlo das partículas novamente à categoria *pedaço de barro*, e um objecto distinto da estátua começa a existir. Em qualquer dado momento, só uma categoria tem o controlo das partículas; em qualquer dado momento, essas partículas formam um só objecto.

A teoria da substituição concorda com a teoria «só há matéria» em que só um objecto pode ser constituído por um grupo de partículas de cada vez. Mas a teoria «só há matéria» afirma que a categoria do objecto constituído, independentemente de como as partículas estão dispostas, é sempre a categoria *quantidade de matéria*, ao passo que a teoria da substituição afirma que a categoria difere consoante o modo como as partículas estão dispostas. Apropriadamente dispostas, as partículas podem constituir estátuas, cubos de gelo, ou latas de refrigerante. Isto é certamente uma vantagem para a teoria da substituição: significa que nem todos os objectos são definidos pela sua matéria. Se os objectos de categorias como *estátua* ou *pessoa* persistem ou não ao longo de várias modificações não depende apenas de a sua matéria continuar a existir ou não; o modo como a matéria está organizada é importante. As estátuas, por exemplo, deixam de existir quando são esmagadas, mesmo que a sua matéria continue a existir. Tão-pouco são as pessoas definidas pela sua matéria. Assim, Sócrates já não existe segundo a teoria da substituição: quando o seu corpo apodreceu, a categoria *cadáver* apropriou-se do que pertencia à categoria *pessoa*, e a pessoa que anteriormente existia — Sócrates — deixou de existir.

Ainda assim, pesando os argumentos, a teoria da substituição parece pior do que a teoria «só há matéria». Afirma que o pedaço de barro é destruído quando a categoria *estátua* substitui a categoria *pedaço de barro*. Assim, pode destruir-se um pedaço de barro moldando-o simplesmente em forma de estátua. Procure convencer alguém *disso* no bar! (Muitos admitiriam que um pedaço de barro pode ser «transformado» numa estátua, mas a teoria da substituição nega uma «transformação», que é um modo de continuar a existir, e insiste numa permutação.) Pelo que *cada* teoria afirma algo contra-intuitivo acerca das modificações a que os objectos podem ou não podem sobreviver: a teoria «só há matéria» diz que as pessoas podem existir depois da putrefacção e da desintegração; a teoria da substituição diz que os pedaços de barro *não podem* existir depois de adquirir formas mais artísticas. Até agora temos um empate entre as duas teorias, cada uma delas sofrendo um golpe. Mas comparemos as teorias de um modo mais abstracto: qual delas tem uma *regra* intuitivamente mais satisfatória para dizer que objectos existem? A teoria «só há matéria» tem uma regra clara: todos os objectos são pedaços de matéria. A teoria da substituição não fornece qualquer regra semelhante. Diz-nos que objectos existem nalguns casos. Diz-nos, por exemplo, que a categoria *estátua* substitui a anterior quando o pedaço de barro é esculpido, e que a categoria

*pessoa* cede o seu domínio quando uma pessoa se desintegra. Mas que regra *geral* nos diz em *todos* os casos quando uma categoria substitui outra?

Imaginemos um defensor da teoria da substituição vindo de Marte. Em vez de categorias como *estátua* e *pedaço de barro*, caras aos defensores terrestres da teoria da substituição, a teoria marciana da substituição fala de categorias como as seguintes:

***pedacex***: pedaço de barro localizado no exterior, ao ar livre, independentemente de como se encontra moldado.

***pedacin***: pedaço de barro localizado no interior, de uma casa ou edifício, independentemente de como se encontra moldado.

A teoria terrestre da substituição afirma que quando se faz uma estátua a partir de um pedaço de barro, este deixa de existir e uma estátua ocupa o seu lugar. Evidentemente, o facto de o barro se encontrar no interior ou no exterior de um edifício é irrelevante para a questão de saber que objectos existem. A teoria marciana da substituição vê as coisas de maneira muito diferente. Vê o mundo em termos de pedacins e pedacexes, e não de estátuas e pedaços de barro. Quando se traz um pedacex para casa, afirma a teoria, a categoria «*pedacin*» substitui a outra, o pedacex deixa de existir, e um novo pedacin começa a existir. Este pedacin existe enquanto o barro estiver na casa. Estar ou não moldado em forma de estátua é irrelevante para a questão de saber que objecto existe. Mas se for levado para fora de casa, deixa de existir e é substituído por um pedacex.

As teorias da substituição, a terrestre e a marciana, concordam que a conclusão da antinomia é absurda; concordam que nunca há dois objectos materiais distintos feitos das mesmas partes. Pelo que cada uma tem de considerar que a outra está enganada acerca da questão de saber que categorias são as correctas, e acerca de que objectos existem. Pois consideremos a escultora, em sua casa, preparando-se para começar a esculpir. A teoria terráquea e a marciana concordam que ela tem na mão um único objecto, mas discordam acerca de que categoria de objecto se trata. A terráquea pensa que o objecto é um pedaço de barro, que será destruído quando for esculpido para se tornar uma estátua. A marciana pensa que é um pedacin, que sobreviverá a ser esculpido mas será destruído se for levado para fora de casa. Não podem estar ambas correctas, visto que o mesmo objecto não pode ao mesmo tempo continuar a existir e deixar de existir. Assim, a nossa teoria terrestre da substituição tem de afirmar que a marciana está errada: os pedacins e os pedacexes simplesmente não existem.

Mas como se pode justificar esta afirmação? A escolha de categorias da teoria terrestre da substituição espelha de um modo suspeito as palavras que por acaso aqui na Terra foram consagradas. Poderíamos ter inventado palavras diferentes; poderíamos ter seguido o caminho dos marcianos e introduzido palavras para pedacins e pedacexes em vez de estátuas e pedaços de barro. Se o tivéssemos feito, tem de afirmar a teoria terráquea da substituição, teríamos estado enganados em quase todos os nossos juízos sobre o momento em que os objectos começam a existir e deixam de existir, pois os objectos genuínos são os pedaços de barro e as estátuas, e não os pedacins e os pedacexes. Não é senão uma coincidência milagrosa a realidade conter objectos que correspondem às *nossas* palavras correntes em vez de às dos marcianos. Acreditar em pedaços de barro e estátuas com exclusão dos pedacins e pedacexes seria antropocêntrico.

### **Nilismo**

As teorias da substituição e «só há matéria» concordam que em qualquer caso dado há uma só categoria de objecto presente. A escolha da primeira teoria quanto à categoria de objecto que existe é suspeita de antropocentrismo. A escolha da segunda teoria é mais objectiva, mas tem consequências contra-intuitivas.

Visto ser tão difícil escolher que categoria de objectos existe num dado caso, talvez devêssemos dizer que *nenhuma* categoria de objecto existe. Isto é o que afirma o **niilista**. Assim, o niilista põe em causa o pressuposto da Existência, segundo o qual as estátuas e pedaços de barro são entidades existentes. Se não há pura e simplesmente coisas como estátuas ou pedaços de barro (ou pedacins e pedacexes), então a nossa antinomia não chega sequer a dar os primeiros passos.

Será completamente absurdo negar a existência de pedaços de barro e estátuas? Afinal, podemos simplesmente *ver* pedaços de barro e estátuas, certo? Os filósofos procuram a *verdade*; não estão meramente a tentar provocar, ou chatear, ou dizer impunemente seja o que for que lhes passe pela cabeça. Fazem amiúde afirmações surpreendentes ou pouco familiares, mas estas afirmações têm sempre de ser razoáveis; não devem contradizer directamente os indícios dos nossos sentidos. De outro modo, mesmo que não saibamos exactamente como refutar o filósofo, podemos justificadamente ignorá-lo por se entregar a um jogo frívolo.

Na verdade, negar a existência de estátuas e pedaços de barro não é completamente absurdo, e não contradiz os indícios dos nossos sentidos. Considere-se o número imenso de partículas subatômicas de que é feito aquilo a que chamamos «estátua». O niilista concorda que estas partículas existem; não rejeita a existência de *tudo*. Ora, geralmente pensamos que além deste septilião de partículas, mais coisa menos coisa, dispostas em forma de estátua, existe também uma septimilionésima primeira entidade, nomeadamente a própria estátua, que é composta pelo septilião de partículas. Mas segundo o niilista, não há estátua. Há apenas o septilião de partículas, dispostas em forma de estátua; não há a septimilionésima primeira entidade. Na verdade, segundo o niilista, as *únicas* coisas que existem são **partículas**, ou seja, coisas que não têm absolutamente partes menores. Mesmo os prótons e neutrões não existem, pois estas coisas contêm *quarks* como partes. Só as partículas últimas da Física (por exemplo, *quarks* e electrões) existem. O niilista evita a conclusão de que a estátua e o pedaço de barro são duas coisas feitas da mesma matéria afirmando que nem a estátua nem o pedaço de barro existem de todo. Na verdade, nenhum objecto maior do que uma partícula existe — nem sequer o próprio leitor! Não há leitor; há apenas partículas dispostas em forma de pessoa.

O niilismo não é completamente absurdo porque as experiências sensoriais quotidianas não nos dizem se só existem partículas ou não, ou se além disso existem objectos compostos destas partículas. Eu (ou antes, um certo número de partículas dispostas em «forma de eu») olho em frente e tenho uma certa sensação, aparentemente de um monitor de computador. Mas essa mesma sensação poderia ser produzida por meras partículas dispostas «em forma de monitor de computador». Como poderia saber se além das partículas há também o monitor de computador? Mesmo quem acredita em monitores de computador concorda que têm o aspecto, as propriedades tácteis e o odor que têm por causa da disposição do seu septilião, mais coisa menos coisa, de pedaços microscópicos. Pelo que temos de admitir que os pedaços teriam o mesmo aspecto, propriedades tácteis e odor independentemente de comporem ou não uma septimilionésima primeira coisa.

Mas mesmo que o niilismo não seja completamente absurdo e não possa ser refutado por simples observação, continua a ser razoavelmente absurdo. Afinal, seguindo René Descartes, o filósofo francês do século XVII, não posso refutar por simples observação que não estou em Marte a ter um sonho extremamente vívido. (O próprio Descartes pensou poder provar a existência de um Deus benevolente que o

protegeria de estar tão drasticamente enganado, mas os seus argumentos não são convincentes.) Posso beliscar-me para ver se estou a sonhar ou não, mas posso também estar a sonhar com o beliscão! No entanto, ainda que seja filósofo, não duvido por um momento de que presentemente estou no planeta Terra. Parece razoável simplesmente ignorar a possibilidade exótica de que estou em Marte a sonhar. Ora, é difícil dizer exactamente quando é razoável ignorar tais possibilidades. Mas talvez o niilismo seja suficientemente exótico para pertencer à mesma categoria que o cenário onírico: difícil de refutar mas nenhum mal vem ao mundo se o ignorarmos.

Seja como for, o niilismo pode nem sequer funcionar nos seus próprios termos. Pressupõe que o mundo é em última análise feito de partículas, ou seja, de coisas que não têm partes menores. Mas talvez não haja partículas. Já alguma vez considerou (de madrugada, talvez num estado alterado) a hipótese de todo o nosso universo ser apenas um minúsculo grão noutra universo gigante? E que dentro de cada átomo do nosso universo existe outro universo minúsculo? E que cada um dos «átomos» deste nosso universo minúsculo contém ainda outro universo minúsculo menor? Se esta sequência continuasse para sempre, não haveria partículas, visto que cada objecto conteria partes menores. Suponho que estes pensamentos sejam tão frívolos quanto a hipótese onírica de Descartes, mas uma versão menos psicadélica é mais preocupante: talvez cada partícula contenha partes menores, ainda que não um universo inteiro. Quando a Química descobriu o átomo, ninguém sabia que os átomos tinham partes menores. Depois descobriu-se os prótons, neutrões e electrões. Mais tarde ainda, os cientistas descobriram que mesmo os prótons e neutrões têm partes menores: os *quarks*. À medida que os cientistas desenvolvem cada vez mais instrumentos poderosos, microscópios electrónicos e coisas semelhantes, dão-nos continuamente a conhecer objectos cada vez menores. Talvez este processo continue interminavelmente; talvez cada objecto, por muito pequeno que seja, tenha ainda partes menores. Em qualquer destes cenários, não existem partículas, visto que cada objecto tem partes menores. Ora, o *niilismo absoluto*, que afirma não existirem quaisquer objectos de todo, nem sequer partículas, é demasiado tolo para se levar a sério, pois não consegue explicar os indícios dos nossos sentidos de que os objectos pelo menos parecem existir. Pelo que em qualquer caso têm de existir *alguns* objectos; e dado o modo como os cenários foram descritos, estes objectos têm de ter partes menores. O niilismo seria portanto falso tanto num como no outro cenário. Além disso, se alguns objectos com partes menores existem, não há razão para negar que as estátuas e os pedaços de barro estão entre estes objectos. E, sendo

assim, enfrentamos ainda a antinomia da constituição. O niilismo não ajuda nos cenários imaginados — o segundo dos quais, em todo o caso, pode ser correcto, tanto quanto sabemos.

### **Coabitação**

Como os pressupostos da Criação e da Sobrevivência, o pressuposto da Existência é difícil de questionar. Como estes são os únicos pressupostos do argumento, estamos lentamente a ficar encurralados. A única possibilidade que resta é pôr em causa a nossa intuição de que a conclusão do argumento é absurda: por outras palavras, rejeitar o Absurdo. Talvez dois objectos materiais possam, afinal, partilhar simultaneamente a mesma matéria e localização espacial. Podemos chamar **Coabitação** a esta hipótese, pois afirma que a mesma região do espaço pode ser ocupada por mais de um objecto.

O nosso problema tem sido escolher que tipo de objecto está na mão da escultora. A teoria «só há matéria» diz: um *pedaço de matéria*. A teoria da substituição diz: uma *estátua*. O niilista recusa escolher e diz: *nem um nem outro*. O defensor da Coabitação também recusa escolher e diz: *ambos*.

A Coabitação parece estranha, mas haverá algumas *razões* contra ela? Sim; há duas. Primeiro, imediatamente antes de a escultora esmagar o barro em forma de estátua, tem supostamente na mão dois objectos, uma estátua e um pedaço de barro. Depois pressiona as mãos na direcção uma da outra, esmagando o barro. Segundo o defensor da Coabitação, isto destrói apenas um dos objectos: a estátua é destruída enquanto o pedaço de barro permanece. Mas a escultora esmagou o pedaço de barro com tanta força quanto a que usou para esmagar a estátua; exerceu a mesma pressão com as mãos em cada objecto. Assim, temos de concluir, a estátua é muito mais vulnerável ao esmagamento do que o amontoado; é muito mais delicada. Mas como é isso possível? A estátua é *exactamente igual* ao pedaço de barro em todas as suas características físicas. É feita exactamente da mesma matéria que o pedaço de barro, que está disposto exactamente na mesma configuração.

Segundo, a própria ideia de que as mesmas partes podem compor *duas* coisas entra em conflito com o conceito de «parte». Eis uma história absurda: «Uma mulher em tempos decidiu que a sua casa precisava de uma mudança, pelo que pintou todas as partes da casa de cor-de-laranja choque. Mas apesar de todas as partes terem mudado de cor, a própria casa não mudou de cor, de todo; permaneceu exactamente na mesma.» A

história é absurda porque supõe que a casa é algo além das partes que a constituem. Como qualquer objecto inteiro, uma casa, em certo sentido, não é mais do que a soma das suas partes. Mas se isto está correcto, então temos de rejeitar a Coabitação. Se um todo nada mais é do que as suas partes, as mesmas partes não podem formar *dois* todos; de outro modo um deles (ou ambos) teria de ser diferente das suas partes.

### **Tetradimensionalismo**

Estamos a ficar sem opções! O argumento da antinomia fez apenas três suposições — Criação, Sobrevivência e Existência — nenhuma das quais é fácil de negar. A teoria «só há matéria» rejeita a Criação, mas está comprometida com a afirmação contra-intuitiva de que Sócrates ainda existe. A teoria da substituição rejeita a Sobrevivência mas enfrenta a acusação de antropocentrismo. Os niilistas rejeitam a Existência mas ficam com uma teoria demasiado radical para se crer nela. Pelo que se segue a conclusão do argumento — que as estátuas e os pedaços de barro são objectos distintos feitos da mesma matéria. Mas a aceitação da conclusão, e portanto da Coabitação, enfrenta em si dois poderosos argumentos. O que fazer?

Outra teoria dos objectos materiais permite-nos aceitar a Coabitação e refutar os dois argumentos. Essa teoria é o **tetradimensionalismo**.

Comece-se pela teoria de que «o tempo é como o espaço», tal como a discutimos no capítulo 3. Pense-se no tempo como uma quarta dimensão, juntamente com as três dimensões espaciais. Isto é mais claro com imagens. Considere-se o diagrama espaço-temporal, a Figura 4, que vimos no capítulo 3. A característica relevante do diagrama é representar os objectos com **partes temporais** além de partes espaciais, que é a afirmação nuclear do tetradimensionalismo. Tendemos a pensar apenas em partes espaciais: as mãos e pés de uma pessoa, as portas e o volante de um carro. As partes espaciais de uma pessoa são espacialmente menores do que essa pessoa: ocupam regiões espaciais menores do que a pessoa inteira. Mas a perspectiva tetradimensional revela além disso partes temporais.

As partes temporais de uma pessoa são temporalmente menores do que a pessoa: existem num intervalo temporal menor do que a pessoa inteira. O diagrama representa um dinossauro, uma pessoa e as suas partes temporais. Concentremo-nos na pessoa:

**[inserir imagem 1 p. 148]**

e nas suas partes temporais:

**[inserir imagem 2 p. 148]**

and = e

Cada uma destas partes temporais existe num só momento, tal como cada uma das partes espaciais menores de uma pessoa existe apenas num só lugar. A pessoa no seu todo consiste em todas as suas partes juntas, tanto temporais quanto espaciais.

**[inserir a figura 10, p. 148]**

### **A perspectiva tetradimensional da estátua de barro**

estátua formada Terça-feira

Estátua esmagada Quarta-feira

Tempo

Consideremos a estátua e o pedaço de barro do ponto de vista tetradimensional (Figura 10). O diagrama representa um pedaço de barro que primeiro tem a forma de um amontoado, depois é moldado até se tornar uma escultura de uma estrela, depois é esmagado até se tornar novamente um amontoado. O diagrama representa a Coabitação, dado que representa a estátua como um objecto diferente do pedaço de barro. O pedaço de barro é todo o objecto, que começa muito antes de ser moldado em forma de estátua e persiste muito depois de ser esmagado:

**[inserir a imagem 1 da p. 149]**

A estátua, por outro lado, é um objecto que existe apenas quando o pedaço de barro está moldado em forma de estrela:

**[inserir a imagem 2 da p. 149]**

Como mostra a Figura 10, a estátua faz parte do pedaço de barro. Pelo que a estátua e o pedaço de barro são dois objectos diferentes, tal como o leitor é um objecto

diferente da sua mão. Assim, o tetradimensionalismo aceita a conclusão da antinomia, nomeadamente que a estátua e o pedaço de barro são dois objectos diferentes.

Vimos que a Coabitação enfrenta duas objecções. Dada a imagem tetradimensional, as objecções dissolvem-se. Consideremo-las pela ordem inversa.

A segunda objecção é a de que a Coabitação viola o princípio de que um único conjunto de partes não pode compor dois todos diferentes. Na verdade, na perspectiva tetradimensional o princípio não é de todo violado. O diagrama espaço-temporal mostra claramente que a estátua e o pedaço de barro *não* têm exactamente as mesmas partes. O pedaço de barro tem mais partes do que a estátua, visto que tem partes temporais localizadas no futuro da estátua:

**[inserir a imagem 3 da p. 149]**

bem como no passado da estátua:

**[inserir a imagem 4 da p. 149]**

A estátua e o pedaço de barro só *pareciam* ter as mesmas partes porque descurávamos a quarta dimensão, o tempo.

A primeira objecção perguntava como a estátua pode ser tão frágil quando é feita do mesmo material que o robusto pedaço de barro. Para responder a esta objecção, continuemos a fazer analogias entre o espaço e o tempo. Um análogo espacial útil da estátua e do pedaço de barro é uma estrada comprida e uma das suas partes menores. A Estrada Nacional 1 nos EUA percorre a costa leste dos Estados Unidos, da Florida ao Maine; um breve troço em Filadélfia é conhecido como «Avenida Roosevelt». A Avenida Roosevelt é uma *parte* da Estrada Nacional 1. São evidentemente duas estradas diferentes, visto que a Estrada Nacional 1 se prolonga muito mais (no espaço). Mas ninguém se pergunta por que razão a Avenida Roosevelt é tão frágil a ponto de deixar de existir na periferia de Filadélfia, apesar de ser feita exactamente do mesmo asfalto, no perímetro da cidade, que a Estrada Nacional 1. O facto de terminar na periferia urbana é apenas o resultado de uma decisão da boa gente de Filadélfia em usar as palavras «Avenida Roosevelt» para uma mera parte da Estrada Nacional 1. Esta analogia mostra por que razão o primeiro argumento contra a Coabitação está equívocado, dada a imagem tetradimensional. Por que razão só a estátua deixa de existir

com o esmagamento? Resposta: isto é meramente o resultado de escolhermos usar a palavra «estátua» apenas para as partes temporais em forma de estátua de um pedaço de barro.

Se ainda se sente inclinado a pensar que a primeira objecção ameaça o tetradimensionalismo, isso pode dever-se a uma imagem errada dos dois objectos na mão da escultora, nomeadamente, uma imagem de dois objectos «directamente» presentes. Se toco no seu nariz, estou em certo sentido a tocar em duas coisas, no leitor e no seu nariz. Mas o seu nariz é a única coisa em que toco directamente. Toco *no leitor* indirectamente, *tocando* no seu nariz, que é uma parte sua. A imagem correcta dos dois objectos na mão da escultora é análoga. Há apenas um objecto directamente na mão da escultora, nomeadamente a parte temporal corrente que é comum tanto à estátua quanto ao pedaço de barro. A estátua e o pedaço de barro em si estão na mão da escultora apenas indirectamente, contendo uma parte temporal que está directamente na mão da escultora.

Se tanto a estátua quanto o pedaço de barro estivessem directamente presentes na mão da escultora, talvez a sobrevivência ou destruição destas entidades dependesse das suas características físicas correntes, caso em que enfrentaríamos de facto a questão de como a estátua poderia ser tão frágil quando o pedaço de barro é tão robusto. Mas como a única coisa directamente na mão da escultora é a parte temporal corrente tanto da estátua como do pedaço de barro, o que acontece depois é apenas uma função das características físicas da parte temporal e do que ela lhe faz. Se a esmaga, então haverá mais partes temporais em forma de amontoado; se a deixa como está, essas partes temporais continuarão a ter a forma de estátua. Resta a questão do que vamos *chamar* a vários agregados de partes temporais, consoante o modo como essas partes temporais extra são. Só chamaremos «estátuas» a agregados em forma de estátua. Pelo que se a escultora esmaga a estátua e as partes temporais doravante têm a forma de amontoados, só o agregado que termina no esmagamento conta como «estátua».

Note-se que o tetradimensionalismo evita a acusação de antropocentrismo que a teoria da substituição enfrenta. A língua portuguesa contém uma palavra — «estátua» — para colecções de partes temporais de barro em forma de estátua. Não contém palavras para colecções de partes temporais de barro *no interior* ou *no exterior*. Não obstante, tais colecções existem. Estes objectos são aquilo a que os marcianos chamariam «pedacins» e «pedacexes». O tetradimensionalismo afirma que estas estranhas colecções são tão reais quanto as nossas estátuas e pedaços de barro comuns.

Comparemos a colecção de segmentos da Estrada Nacional 1 que estão localizados em cidades cujos nomes começam pela letra «A». Não temos palavra para esta «Estrada Nacional A», mas ela existe; é um objecto tão real quanto a Estrada Nacional 1. Assim, os tetradimensionalistas têm de admitir a existência de pedacins e pedacexes, *além* de estátuas e pedaços de barro.

Alguns filósofos pensam que os pedacins e os pedacexes são entidades estranhas, e conseqüentemente não gostam do tetradimensionalismo. Outros não gostam do tetradimensionalismo porque duvidam de que o tempo seja como o espaço. Outros ainda consideram as partes temporais suspeitas: objectos instantâneos que entram e saem da existência a cada momento. Não tenho qualquer problema com estas coisas. Aceitar pedacins e pedacexes em pé de igualdade com estátuas e pedaços de barro é um modo excelente de evitar a acusação de antropocentrismo levantada contra a teoria da substituição. Tratar o tempo como o espaço tem sido produtivo na Física contemporânea. Como vimos neste capítulo, é produtivo também na metafísica. Objectos instantâneos a entrar e sair da existência? Talvez seja algo surpreendente. Mas qualquer solução para a antinomia da constituição tem de ter alguma característica surpreendente. De outro modo, a antinomia não teria confundido os metafísicos durante tanto tempo.

### **Leitura complementar**

O seguinte artigo diz respeito às antinomias e à sua importância na filosofia: W. V. Quine, «The Ways of Paradox», no seu livro *The Ways of Paradox and Other Essays* (Random House, 1966).

O Capítulo 3 do livro de Roderick Chisholm, *Person and Object* (Open Court, 1976) defende a teoria «só há matéria» (à qual se chama amiúde «essencialismo mereológico»).

Michael Burke defende a teoria da substituição (embora não dê esse nome à teoria) no seu artigo razoavelmente técnico: «Preserving the Principle of One Object to a Place: A Novel Account of the Relations Among Objects, Sorts, Sortals, and Persistence Conditions», em Michael Rea (org.), *Material Constitution* (Rowman & Littlefield, 1997).

Os pedacins e pedacexes baseiam-se nos *incars* e *outcars* de Eli Hirsch, introduzidos na p. 32 do seu livro *The Concept of Identity* (Oxford University Press, 1982). A questão primária do livro de Hirsch é: como continuam os objectos materiais a existir ao longo do tempo?

Para uma leitura complementar sobre o niilismo, uma boa fonte é o livro de Trenton Merricks, *Objects and Persons* (Oxford University Press, 2001), especialmente os capítulos 1 e 2. Merricks não é um niilista genuíno, visto que acredita em pessoas bem como em partículas. Mas anda lá perto — não acredita em estátuas ou pedaços de barro.

O Capítulo 1 do meu livro *Four-Dimensionalism* (Oxford University Press, 2001) é uma apresentação acessível do tetradimensionalismo. O Capítulo 5 é uma discussão mais técnica do problema da constituição.